Ganância

Por Tércia Montenegro  
  
Desde o século 14, em uma capela de Pádua, certo afresco de Giotto lembra a fusão de valores em torno dos vícios e das virtudes. Uma criatura feia, que cospe uma serpente e leva um saco repleto de moedas, contrapõe-se ao seu extremo bondoso: a generosa mulher que segura uma cesta farta e – em suave coreografia – entrega o próprio coração a Deus, representado pelo minúsculo profeta no canto superior da imagem. Ora, esta fértil camponesa é a personificação da caridade, a virtude que se costuma opor aos terríveis impulsos da avareza.  
  
Para Giotto, porém, a caridade forma um par maniqueísta com a inveja. É ela quem vomita a víbora – e se, por este gesto, podemos associá-la às maldades e infâmias características de um invejoso, por outro lado, o tal saco com moedas nos faz pensar no apego aos bens, traço constitutivo dos avarentos.   
  
É pela idolatria material que a figura parece assar nas chamas que lhe sobem pelas pernas. A serpente a sair de sua boca, assim como os olhos inflamados e a orelha pontuda, talvez contribua muito mais para a repulsa que o pintor pretendeu inspirar no retrato do vício. Uma aparência diabólica, aliás, fazia parte da identificação de Mamon, o demônio do dinheiro, príncipe do inferno também pintado a carregar uma sacola cheia.  
  
A complexidade em torno das representações dos pecados não se resume a este exemplo – mas ele nos bastará, por enquanto. A questão imagética mostra, em termos bem didáticos, o quanto oscilam as interpretações e como elas podem se cruzar. Se a caridade é virtude inquestionável, qual seria o seu contrário? Inveja, ganância ou avareza (alguns podem apontar ainda a gula e a luxúria) circulam, todas, por relações de desejo. O indivíduo que ambiciona e jamais encontra saciedade é um viciado – e uma vítima dos anseios.  
  
São tantos os quereres que parece impossível evitar a tentação em alguma medida. Mas há, vamos admitir, temas dignos de cobiça, enquanto outros apenas revelam modismos, satisfações superficiais ou falta de criatividade do pretenso ambicioso. Assim acontece quando alguém hoje suspira por veículos, aparelhos eletrônicos, dinheiro, roupas – elementos que não têm valor para além da necessidade social que lhes foi imposta. Ter ganas de agir, em vez de possuir, já indica vontade um pouco mais refinada. A ação pode se traduzir em uma viagem, em uma mudança de emprego ou na decisão de conquistar a pessoa por quem se está enamorado: em todo caso, a ambição se volta para uma experiência, não para uma coisa, propriamente.  
  
O ponto seguinte – que muitos nunca alcançam – é o desejo de algo abstrato, de mudança íntima. Pode envolver desde o crescimento intelectual até um amadurecimento místico. É claro que, para se aproximar deste alvo incorpóreo, faz-se necessário algum procedimento físico: frequentar um curso, dedicar-se a leituras ou meditações etc. O impulso, em qualquer medida, impõe esforço e planejamento estratégico; o problema não está aí.   
  
Na escala viciosa, o pior ganancioso somente chafurda na inveja: é mesquinho e egoísta, autocentrado; quer o que os demais têm, e quer só para si. Às vezes – num nível extremo de avareza – não quer nem mesmo assim. Esconde os benefícios de sua própria pessoa, tranca os bens em cofres, torna-se um obsessivo guardião daquele tesouro, em louca idolatria. Com exceção destes casos perniciosos, a ganância pode até ser uma qualidade. Se funcionar como *élan*, motivação, meta a seguir sem prejuízo alheio, qual o pecado? A ganância em tal sentido é um trampolim, é o começo do mundo. No princípio bíblico, ela já se destacava, como luz imperiosa precisando brilhar, explodir, fazer-se conquista. Mas então – óbvio – a vontade divina excluía a posse ciumenta; era autêntica abundância, ganho em puro senso de fartura.  
  
Ninguém faz votos de escassez ao felicitar uma pessoa. Ao contrário, conforme a tradição, desejamos prosperidade, vida fecunda como equivalente a feliz. Mas a boa medida aqui se torna decisiva: riqueza em excesso costuma trazer inquietações. Desconfianças, medo, urgências no ritmo vertiginoso criado pelo fetiche de acumular – tudo isso deve ter o efeito de uma armadilha. Perto de um milionário neurastênico, qualquer boiadeiro será mais saudável.  
  
Para voltar à caridade, esta camponesa virtuosa não indica exclusivamente altruísmo, gesto em direção ao outro. Ser desprendido é, de fato, uma atitude libertária: basta lembrar Francisco doando até a roupa e tornando-se o primeiro santo performático e naturista do mundo – ou então Gautama renunciando ao trono no Nepal para sair em errância iluminada. O desapego, antítese da ganância, além de promover uma aura de santidade, prova que a renúncia material envolve um estado de sabedoria. É provavelmente a melhor maneira de deixar o coração leve, antes que a serpente nos morda no paraíso...  
  
Não se trata, portanto, de anular a ganância por completo. Isso equivaleria a deixar de viver. Mesmo o não querer nada pode ser entendido como um anseio – o da autoplenitude, da satisfação com o fundamental. O lado ressequido e estéril das vontades, a avareza, deixa de existir quando o desejo se expande dessa maneira. Se nos enxergamos enquanto seres mais fartos que frágeis, mais realizados que humildes, só então – depois deste reconhecimento pleno – arriscaremos querer o máximo. Ousaremos querer tudo, a completude que já não nos mutila se falta, porque temos o essencial, e o essencial extravasa.  
  
Natural de Fortaleza, onde continua a viver, Tércia Montenegro é professora do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Ceará e autora de *Turismo para cegos*, dentre outros títulos.

Luxúria   
  
Por Flávio Tavares  
  
 A luxúria é o mais trepidante dos sete pecados capitais. Os outros seis são silenciosos, podem dissimular-se, fantasiar-se, travestir-se até. Assim, sem mostrar o que são nem de onde vêm, entram em nossas entranhas ou pululam pela sociedade e dela fazem parte. Gula, avareza, ira, inveja, preguiça e orgulho são sorrateiros. Não fazem ruído e parecem não se mover do lugar.  
  
Para se tornarem pecados em condições pecaminosas de pecar, precisam exibir sua maldade e mostrar o que são. Até a inveja (com jeito introspectivo de quem vive em uma toca profunda da alma) mostra-se em público no olhar malicioso de raivoso despeito por tudo o que vê, cheira ou toca.  
  
Mas a luxúria é escancarada, pois precisa de companhia. Muitas vezes, é tão exigente que busca até um irmão siamês, igualzinho em tudo. (Aí, porém, se desfaz como luxúria, pois cada qual exige tanto do outro que os siameses se destroem um ao outro.) Por isto, a luxúria trepida, move-se como se tivesse centenas de pernas e de olhos, exibe os melhores trajes, perfuma-se. Tudo para conquistar e, na conquista, submeter.  
  
Todas as sociedades – e não só as diferentes religiões e teologias – apontam a luxúria como algo indigno e dilacerante que deve ser evitado e combatido como um inimigo, pois é “o pecado da carne”. Para a doutrina judaico-cristã, dominante no Ocidente, é “pecado capital”, que mata a alma. Para o *Bhagavad Gita* hindu é “demônio insaciável”. A cosmogonia indígena das Américas não a classifica, mas a desconhece no dia a dia. Nossos índios não levam na mente a maldade preconceituosa que as demais sociedades e civilizações têm com o corpo desnudo e, assim, repelem e rejeitam a luxúria, pois só o que se esconde se torna insaciável e inatingível.  
  
Sim, pois não há luxúria sem corpos nus. Não há luxúria sem os órgãos reprodutores. Todas as definições ou conceitos se originam na sexualidade ou dela partem. Por que, então, essa maldição à luxúria, abominada ou rejeitada por diferentes teologias, religiões e sociedades?  
  
Por acaso, não são a sexualidade (ou a diferença de sexo em si) e a atividade reprodutora do masculino com o feminino que mantêm a perenidade da espécie humana ou de cada uma das diferentes espécies? Não são a vagina e o pênis, a ovulação e o esperma os únicos geradores da vida?  
  
A luxúria é a exacerbação da sexualidade. Nesse insaciável exacerbar-se, acaba pervertendo a própria sexualidade, transforma o sexo e as genitálias em um mero instrumento em busca de algo que nunca encontra, pois – ao ser insaciável – não vive o lento e profundo prazer do erotismo. É como se, no homem, fosse um martelo em busca do prego que nunca encontra. Ou, na mulher, um vaso vazio no deserto. A luxúria é cega ao prazer erótico e, assim, o desconhece, pois não busca o amor, que é integração a dois, que é igualdade na sublimidade do gozo.  
  
Sem jamais chegar às profundezas do erotismo, a luxúria se nutre da violência. Submete a outra parte, faz da sexualidade uma guerra, como se os parceiros fossem inimigos a destruir-se mutuamente. Surgem daí a pornografia, a prostituição, o incesto, a pedofilia e o ápice disso tudo: o sadismo e o masoquismo. Ou a degradação da sexualidade.  
  
Ao longo da história, desde que a evolução fez o conhecimento superar o instinto, o ser humano apelou à divindade para explicar a vida e ditar normas de comportamento ou noções de saúde, de alimentação e, enfim, de sobrevivência. A visão de pecado surge daí. Foi sempre mais fácil definir o correto e o incorreto a partir da virtude e do horror interpretado pelos diferentes guias religiosos como se fosse “dádiva de Deus”, por uma parte, ou “pecado” e “coisa do demônio”, por outra.  
  
A luxúria é tão trepidante e na trepidação se espalha tanto que chega à sociedade inteira – penetra na política, dirige empresas e negócios. Em pleno século 21, a sociedade de consumo praticamente incorporou ao cotidiano todos os sete pecados capitais. Todos os apelos ao consumo, toda a publicidade que nos faz escravos de “novos bens” e “novas necessidades” (encharcando-nos com inúteis quinquilharias ou com coisas realmente úteis) estão ali representados, de uma forma ou de outra.  
  
A luxúria, hoje, está em todas as partes, disfarçada e aplaudida. A egoísta paixão insaciável e individual por tudo o que pareça “prazer” é parte do planejamento das grandes empresas e (entre nós, no Brasil) domina também a quase totalidade do setor político.  
  
O que são os repetidos escândalos de corrupção e suborno entre políticos e grandes empresários, se não o exercício do pecado da luxúria em escala geral em nossa sociedade? A corrupção, que há muitas décadas corrói o sistema de governo, as finanças e a atividade mercantil (e que só nos últimos tempos veio à luz), mostra como a luxúria enraizou-se e se expandiu pela sociedade inteira como principal meta pessoal daqueles que se dizem responsáveis pelo desenvolvimento do país.  
  
No ser humano, a insaciável luxúria perverteu a sexualidade e a beleza do erotismo. Na sociedade e na política, a insaciável luxúria perverteu a noção de lucro, de trabalho e de administração dos bens públicos, em um pecaminoso conluio entre políticos e grandes empresas.  
  
A luxúria pode, até, soar como luxo, mas é lixo.  
  
Jornalista e escritor, Flávio Tavares vive em Búzios e é autor de *Memórias do esquecimento*, *O dia em que Getúlio matou Allende* e *1964 – O golpe*, entre outros.  
Ganhou o Prêmio Jabuti nos anos 2000 e 2005, e o APCA em 2004.